



A oposição entre o discurso retórico e a fala parresiástica nas aulas-conferências de Michel Foucault: para além do domínio das palavras

The opposition between rhetorical discourse and parrhesiastic speech in Michel Foucault's lectures: beyond the domain of words

Luiz Celso Pinho¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO: Nas últimas duas décadas, tem ocorrido uma proliferação de trabalhos acadêmicos interessados em relacionar o conceito foucaultiano de *parresia* ao emprego de um estilo retórico de argumentação. Geralmente, busca-se estabelecer pontos de contato ou sugerir eventuais afinidades, apesar de o próprio Foucault indicar claramente que são duas modalidades de fala com propósitos distintos. Toda a discussão gira em torno da forma como se estruturam os discursos, suas finalidades, suas estratégias ou seus efeitos sobre os ouvintes. No entanto, a hipótese que norteia o presente estudo é a de que a devida compreensão da incompatibilidade entre retórica e *parresia* não se esgota num exame puramente discursivo. Pretende-se, aqui, levar em conta uma diferenciação de cunho ético-existencial, na qual o elemento decisivo repousa na adoção de um estilo de ser e viver em consonância com o que é dito e não apenas na habilidade de comunicar aquilo que se pensa e se acredita ser verdadeiro. É preciso estar respaldado, pois, num “modo de vida” para se exercer uma fala parresiástica.

PALAVRAS-CHAVE: *parresia*; retórica; modo de falar; modo de viver; ética.

ABSTRACT: In the last two decades, there has been a proliferation of academic works interested in the relationship of the Foucauldian concept of parrhesia with the use of a rhetorical style of argumentation. Generally, the aim is to establish points of contact or suggest possible affinities, despite Foucault himself clearly indicating that they are two modes of speech with different purposes. The entire discussion revolves around the way in which speeches are structured, their purposes, their strategies or their effects on the listeners. However, the hypothesis that guides the present study is that

¹ lucepi@uol.com.br



Nº9 (2023)

3

the proper understanding of the incompatibility between rhetoric and parrhesia is not exhausted in a purely discursive examination. It is intended, here, to take into account a differentiation of an ethical-existential nature, in which the decisive element lies in the adoption of a style of being and living in consonance with what is said and not just in the ability to communicate what one thinks. and believes to be true. Therefore, it is necessary to be supported by a “way of life” in order to perform a parrhesiastic speech.

KEY-WORDS: parrhesia; rhetoric; way of speaking; way of living; ethics.

1. O contexto das análises foucaultianas

Entre 1982 e 1984, Michel Foucault demonstra um crescente interesse pela noção grega de *parresia* [παρρησία], como se pode verificar tanto nas aulas regulares no Colégio de França (ministradas, habitualmente, no período de janeiro a março) quanto num punhado de conferências destinadas ao público universitário francês, canadense e estadunidense. Essa sequência de falas é bruscamente interrompida com a sua morte. Posteriormente, com o passar dos anos, foram resgatadas de arquivos, transcritas e publicadas, apesar de não terem sido por ele revisadas ou mesmo concebidas para serem convertidas em livros. Os cursos de Foucault no Colégio de França, que têm início no fim de 1970, possuem um nítido viés exploratório que se acentua nas aulas-conferência nas quais a noção de *parresia* é alvo de problematizações conceituais. Esse, percurso, apesar de breve (abrange vinte e sete meses), passa por diversas e pequenas inflexões. Não se trata, pois, de um desenvolvimento linear e cumulativo. E nem sequer podemos sugerir, devido a seu estilo cambiante, que ele produziria algum material mais elaborado a partir do que efetivamente disse ou sequer para qual direção conduziria suas pesquisas.

Em *A coragem da verdade*, Foucault adverte que desenvolve hipóteses “provisórias, incertas e flutuantes” (Foucault, 2009: 290). E é o que efetivamente se pode constatar, pois enquanto algumas temáticas vão sendo desdobradas, modificadas e aprofundadas, outras passam por súbitas inflexões, além de poderem ser deixadas de lado ou retomadas mais adiante, e tudo isso sem que haja qualquer explicação a respeito dos motivos que levaram a esta ou aquela escolha. Tal procedimento dificulta, obviamente, qualquer esforço interpretativo. Além disso, Foucault jamais pretendeu realizar um levantamento exaustivo dos usos da noção de *parresia* na antiguidade greco-romana. Sem dúvida, suas investigações enveredaram por um vasto campo de possibilidades. Foucault tanto se remeteu a diversos sistemas de pensamento (socrático-platônico, estoico, epicurista e quínico), estilos literários (história, mitologia, retórica, novo e velho testamentos) e autores (Plutarco, Galeno. Isócrates) quanto retratou



N°9 (2023)

4

“diferentes contextos práticos” (Foucault, 2012: 166) nos quais o termo se faz notar, direta ou indiretamente: em assembleias públicas, na convivência entre o mestre e o discípulo, no aconselhamento filosófico, no âmbito das relações pessoais, no palácio dos governantes (no contato reservado com o Príncipe ou diante de seu séquito), para destacar as situações mais relevantes.

Cabe ressaltar, por fim, que a palavra *parresia* carece de uma tradução exata. Literalmente, significa *tudo-dizer*, e Foucault a ela se refere utilizando as mais variadas fórmulas, sem manifestar preferência por alguma delas. Encontramos, assim, as seguintes possibilidades: “dizer-a-verdade”, que retrata mais diretamente o sentido original do vocábulo grego, e equivalências como “fala-franca” (*franc-parler*), “veridicção” (*véridiction*) e “liberdade de palavra” (*liberté de parole*).² Uma expressão que talvez retrate o teor ao mesmo tempo verídico e acentuadamente sincero da fala *parresiástica* seja “o uso corajoso da palavra”.

2. O conflito entre retórica e *parresia*

2.1. A literatura especializada

A bibliografia secundária consultada destaca alguns pontos de contato entre essas duas modalidades de expressão verbal, apesar de haver um claro reconhecimento da distância que as separa. Mateus defende que se poderia criar “um novo espaço de convívio” (Mateus, 2016: 203) entre a *parresia* e a retórica no campo publicitário e jornalístico (em especial na sua versão investigativa). Isso se daria, respectivamente, de dois modos: 1. Por meio da “intensificação dos diversos elementos emocionais” da fala *parresiástica* (Mateus, 2016: 205) e 2. Na medida em que reforça o “direito de expressão política sem receio das consequências por parte do poder” (Mateus, 2016: 206). Após se deter em algumas modalidades de *parresia* abordadas por Foucault (a epicurista, a platônica e a de Quintiliano), Walzer encontra subsídios para a elaboração de “uma teoria da retórica do aconselhamento” na qual a fala *parresiástica* “assume um caráter inteiramente retórico” (Walzer, 2015: 18). Serra resalta que Foucault nos remete a uma “imagem da retórica [que] é, no mínimo, redutora, [tendo em vista que coincide] totalmente com a condenação formulada por Platão no *Górgias*” (Serra, 2015: 248). Adicionalmente, compara o curso do Colégio de França de 1984 (*A coragem da verdade*) tanto com o de 1971 (*Aulas sobre a vontade de saber*) quanto com a conferência inaugural proferida no final do ano anterior (*A ordem do discurso*), o que o leva a detectar uma inflexão na perspectiva adotada por Foucault em relação ao conceito de verdade. Enquanto no início dos anos 70 há um nítido privilégio da sofística (e, por extensão, da retórica), em meados dos anos 80, essa posição é abandonada, dando margem a supor uma adesão ao platonismo. A argumentação de Serra se aplica exclusivamente ao campo político, tendo em vista que a *parresia* democrática envolve a habilidade de convencer os que têm direito a voto

² As traduções encontradas neste texto – do francês, do inglês, do italiano e do espanhol – foram realizadas pelo Autor.



N°9 (2023)

5

numa assembleia, o que retrataria o “fio de ligação entre linguagem, conhecimento e poder pelo qual Foucault sempre demonstrou um interesse marcante” (Serra 2015: 259). Uma premissa que norteia a argumentação de Domínguez é a de que a “mera oposição não esclarece o modo de relacionamento entre ambos os discursos”, o retórico e o parresiástico (Domínguez, 2020: 111). Tomando como referência *A hermenêutica do sujeito*, a autora salienta que a fala parresiástica apresenta características retóricas, pois, em diversas ocasiões, Foucault “ênfatiza que a *parresia* é um modo de discurso que requer uma técnica”, o que a leva a concluir que ambas “diferem [...] fundamentalmente no caráter moral implícito” (Domínguez, 2020: 115-116). O breve estudo de Townsend tem por objetivo corroborar o argumento defendido por Laurent Pernot de que há, efetivamente, “compatibilidade entre retórica e *parresia* na arena política” (Townsend, 2017: 38). A ideia básica é a seguinte: “a retórica, segundo Pernot, é o discurso político originário [enquanto a] *parresia* ética [...] é, na verdade, uma forma mais recente de *parresia* política [por meio da qual] um cidadão fala honestamente com seu superior ou governante no intuito de criticar políticas [governamentais]” (Townsend, 2017: 39). Mazzola parte do pressuposto de que a polaridade entre a filosofia platônica e a sofística serve de base para se entender as relações entre *parresia* e retórica. Defende que “a distinção entre o filósofo e o sofista é difícil”, pois “a filosofia inclui dimensões retóricas (Mazzola, 2022: 165-166), o que se pode constatar tanto no estilo argumentativo de Sócrates quanto nos sofistas, já que “ambos visam à persuasão e seus discursos manifestam necessariamente técnicas argumentativas” (Mazzola, 2022: 176). Tendo realizado uma extensa e detalhada análise filológica do uso do termo *parresia*, a partir de diversos exemplos históricos e literários, Spina discute a “nítida linha de oposição entre *parresia* e retórica” (Spina, 2005: 338). De acordo com ele, esse conflito fica evidente quando se aborda três pontos: “verdade vs persuasão, técnica vs não-técnica [e] interesse pessoal do retórico vs desinteresse do parresiasta” (Spina, 2005: 341). Além disso, considera que a perspectiva adotada por Foucault resulta de “uma leitura talvez muito orientada pelos textos clássicos” (Spina, 2005:), em especial a filosofia socrático-platônica. Apesar das incompatibilidades assinaladas, Spina defende que é possível estabelecer algumas afinidades entre ambas, o que o leva a salientar que “franqueza e pretensão de verdade na relação discursiva com os outros podem ser discutidas até no interior do argumento retórico, desde que se fique atento tanto ao *ethos* do locutor quanto aos direitos, inclusive ao *pathos*, dos ouvintes” (Spina, 2005:345).

2.2. Percorrendo as aulas-conferências

O presente estudo realizou um levantamento minucioso das passagens nas quais Michel Foucault compara o discurso retórico com a fala parresiástica. A argumentação desenvolvida por ele em suas aulas-conferências tem um nítido estatuto experimental, isto é, ele invariavelmente adota hipóteses provisórias, que podem ser futuramente descartadas, reformuladas ou deixadas momentaneamente de lado. O resultado final só será conhecido se o tema investigado se tornar o assunto de uma publicação



(que ele próprio tenha redigido). No caso das análises envolvendo a fala de cunho parresiástico, não dispomos de um estudo conclusivo, apenas de áudios gravados de forma independente (em alguns casos, existem também anotações que serviram de referência ao que foi exposto oralmente). O material disponível consiste de seis momentos, registrados originalmente em inglês e francês, cuja sequência exata é a seguinte: *A hermenêutica do sujeito*, *A parresia*, *Dizer a verdade sobre si mesmo*, *O governo de si e dos outros*, *A fala destemida* e *A coragem da verdade*.

Primeiro momento: *A hermenêutica do sujeito* (doze aulas ministradas, de janeiro a março de 1982 no Colégio de França), notadamente o final da nona aula (3 de março) e a décima aula (10 de março).

O fio condutor do curso reside em investigar a formação e o desenvolvimento, na antiguidade greco-romana, de uma filosofia do “cuidado de si”, isto é, de uma tecnologia que promove a transformação progressiva do indivíduo ao longo da vida, tendo por referência critérios, ao mesmo tempo, estéticos e éticos. O interesse pela noção de *parresia* surge na medida em que ela “assume na filosofia, na arte de si, na prática de si [...] um significado técnico bem preciso, [notadamente no que diz respeito] ao papel da linguagem e da fala na ascese espiritual dos filósofos” (Foucault, 2001a: 349).

Foucault assinala que o “conflito maior” entre essa modalidade de atividade filosófica, norteadada pela problematização da relação consigo mesmo, e o ensino retórico é que este, ao priorizar a sedução, relega a um plano secundário o trabalho de aprimoramento existencial. Deste modo, “não se trata de se ocupar de si mesmo, mas de agradar aos outros” (Foucault, 2001a: 93). Tal disparidade de objetivos entre filosofia (no sentido foucaultiano) e retórica pode ser melhor compreendida ao se se tomar como referência a *parresia*. Foucault considera que ela tem dois grandes adversários: a lisonja e a retórica. No que diz respeito à primeira, a única atitude possível e aceitável é de “oposição, combate, luta” (Foucault, 2001a: 357), ou seja, são duas modalidades de interação dialógica com o outro completamente antagônicas. Apesar dessa refutação enfática do adúlador não se verificar no caso do retórico, Foucault assinala uma incompatibilidade no âmbito do aconselhamento “espiritual” entre o mestre e seus discípulos: “na *parresia*, trata-se [...] de agir sobre os outros, não tanto para lhes pedir algo, para dirigi-los ou incliná-los a fazer determinada coisa, [mas para que] consigam constituir, para si, em relação a si mesmos, uma relação de soberania que será característica do sujeito sábio, do sujeito virtuoso, do sujeito que atingiu toda a felicidade que é possível atingir neste mundo” (Foucault, 2001a: 368-369). A *parresia* envolve, pois, um projeto de vida norteadado pela busca de autonomia. Em algumas passagens do curso, Foucault sugere que a fala parresiástica corresponde a uma “espécie de retórica específica ou de retórica não retórica que deve ser aquela do discurso filosófico” (Foucault, 2001a: 350). Pretende, com essa definição paradoxal, ressaltar que a manifestação expressa da verdade não depende da capacidade de seduzir com as palavras, mas em saber combinar adequadamente “procedimentos técnicos” com “princípios éticos” (Foucault, 2001a: 356). Deste modo, o parresiasta é aquele cujo discurso está respaldado por uma permanente conduta virtuosa.



N°9 (2023)

7

Segundo momento: *A parresia* (uma única conferência na Universidade de Grenoble, na França, em 18 de maio de 1982, seguida de debate).

Para dar conta do sentido prático da *parresia*, Foucault propõe situá-la em relação a três contextos distintos: o “cuidado de si”, a política e a retórica. Referindo-se ao terceiro, afirma que a fala parresiástica “é a expressão direta do pensamento, sem nenhuma figura particular” (Foucault, 2012: 166). Isso significa que “o parresiasta é aquele que não deve levar em conta nem as regras da retórica [...] nem mesmo as regras da demonstração filosófica”, pois ele “se opõe à retórica, [...] ao *elegkhos* [isto é, ao exame socrático], [...] à demonstração, ao rigor da prova” (Foucault, 2012: 174). Percebemos, com isso, que, a palavra tem uma função secundária na *parresia*, dito de outro modo, não é a linguagem, ou qualquer outro fundamento lógico-racional, que serve de base para a “argumentação” parresiástica. É por isso que o mais importante consiste em “falar como é necessário, falar de forma tal que se possa agir diretamente sobre a alma do outro, falar sem se sobrecarregar com formas retóricas, sem exagerar os efeitos que se deseja obter” (Foucault, 2012: 174).

Terceiro momento: *Dizer a verdade sobre si mesmo* (cinco conferências e um seminário dividido em quatro seções na Universidade de Vitória, em Toronto, no Canadá, de 31 de maio a 26 de junho de 1982), apenas a terceira e a quarta sessões do seminário.

As considerações de Foucault sobre a retórica são breves e esparsas. Seu intuito residia em elucidar o contexto técnico-pedagógico no qual se pode verificar a preocupação dos antigos com o aprimoramento da “cultura de si”. Detém-se, em função disso, na importância de que mestre e discípulo estabeleçam um diálogo que leve a uma transformação profunda daquele que ouve. Dentro desse contexto, Foucault tão somente constata que nos primeiros séculos do Império Romano vigorou tanto uma “competição” quanto uma “oposição” entre os “detentores do ensino retórico” e as escolas filosóficas em geral (Foucault, 2021:22 e 43). Essa polarização, aliás, já se fazia notar na cultura grega, notadamente com Platão, o que levava a retórica a ser considerada “uma técnica de ornamento”, cujo maior feito consistia em “fazer parecer belo o que não é belo” (Foucault, 2021: 133). O que se pode concluir disso é que a retórica nada tem a contribuir para que o indivíduo seja capaz de atingir “um estado de soberania sobre si mesmo e de tranquilidade da alma” (Foucault, 2021: 144-145). Podemos concluir, a partir daí, que a *parresia* está mais próxima de uma “arte de viver” do que uma “arte de falar”.

Quarto momento: *O governo de si e dos outros* (nove aulas ministradas, de janeiro a março de 1983, no Colégio de França), destacando-se a segunda (12 de janeiro), a sexta (9 de fevereiro), a sétima (16 de fevereiro) e a nona (2 de março) aulas.

As análises de Foucault se concentram nos aspectos político-filosóficos da *parresia*, notadamente na situação do homem livre, ou seja, do cidadão, que toma a palavra nas assembleias em praça pública. É nesse contexto que se pode indagar: “não seria [a *parresia*] um modo de confrontar o adversário?”, não corresponderia a uma forma de travar uma “luta, cara a cara, em torno da verdade?” (Foucault,



2008: 54-5). No âmbito do debate democrático, além da fala sincera e corajosa, o orador necessita igualmente convencer aqueles que o escutam, tendo em vista que decisões serão tomadas pela maioria após debates em maior ou menor grau acalorados. O exercício da palavra se dá, pois, no confronto agonístico com rivais no âmbito da cidade democrática. Não se trata de beligerância, de destruir oponentes, pois o que está em jogo é um embate argumentativo que “permite aos indivíduos exercerem certa ascendência uns sobre os outros” (Foucault, 2008: 145). É nesse sentido que Foucault coloca as seguintes questões: “a *parresia* é uma maneira de demonstrar, é uma maneira de persuadir, é uma maneira de ensinar, é uma maneira de discutir?” (Foucault, 2008: 52). Em parte sim, tendo em vista que se trata de um dizer-a-verdade para todos, independentemente dos conflitos daí resultantes. Foucault ressalta que nessa luta discursiva o parresiasta pode ser visto como uma espécie de “alto funcionário moral da cidade” (Foucault, 2008: 159), tendo em vista seu compromisso de sempre e corajosamente proferir uma fala verdadeira. Durante o curso, também são abordadas situações nas quais a *parresia* exercida no campo político se desdobra num sentido estritamente ético, como na situação em que o parresiasta, diante do governante, age sobre a alma dele, educando-o, aconselhando-o, resultando numa abordagem típica da psicagogia grega. Apesar do inegável teor persuasivo no exercício público da fala parresiástica, Foucault descarta em diversas passagens qualquer viés retórico dela, notadamente por situar a *parresia* no interior do discurso filosófico.

Quinto momento: *A fala destemida* (seis conferências na Universidade da Califórnia, em Berkeley, nos Estados Unidos, nos meses de outubro e novembro de 1983), apenas a conferência inaugural (10 de outubro).

Retórica e *parresia* envolvem “um relacionamento que é problemático” (Foucault, 2001b: 20). Foucault diz isso em alusão a Eurípides, cujas tragédias foram alvo de uma análise pormenorizada no curso *O governo de si e dos outros* e que agora é retomada. Porém, não há elementos que permitam afirmar exatamente a qual aspecto ele se refere (no máximo, se pode inferir que se trata de algo referente ao direito de o cidadão grego poder se expressar livremente na sua cidade natal). Na presente conferência, fica claro o abismo intransponível entre essas duas modalidades de fala. De acordo com Foucault, o parresiasta “torna manifestamente claro e óbvio que o que ele diz é sua própria opinião [...] evitando qualquer tipo de forma retórica que possa velar o que ele pensa” (Foucault, 2001b: 12). Ou seja, o modo como ele expressa suas crenças deve retratar exatamente o que ele acredita ser verdadeiro.

Sexto momento: *A coragem da verdade* (nove aulas ministradas, de fevereiro a março de 1984, no Colégio de França), basicamente, a primeira aula (1º de fevereiro).

Na última etapa das análises histórico-filosóficas de Foucault sobre o uso corajoso da palavra na cultura greco-romana, sua argumentação ocorre quase que exclusivamente dentro do campo ético (na última aula, há uma breve exposição a respeito da *parresia* cristã). A primeira parte do curso está centrada na figura de Sócrates. A segunda privilegia o cinismo antigo. São os dois expoentes da



parresia entendida como expressão de uma “vida verdadeira”, como uma fala totalmente desprovida de “dissimulação, reserva, cláusula de estilo, ornamento retórico”, pois a verdade deve ser dita “sem ‘codificar’, sem mascarar, sem nada esconder” (Foucault, 2009: 11-12). Deste modo, “a prática da *parresia* se opõe, ponto a ponto, ao que é, em suma, a arte da retórica” (Foucault, 2009:14). Em suma, “a retórica é exatamente o oposto da *parresia*” (Foucault, 2009:14-15).

3. Quem é o parresiasta foucaultiano?

Como se pôde notar nas aulas-conferências de Foucault, “o homem da *parresia* [é aquele que fala] despojado de qualquer retórica” (Foucault, 2012: 175), ou seja, o estilo adotado pelo parresiasta “se caracteriza por uma liberdade de forma” (Foucault: 2012:174) em relação a qualquer modalidade de expressão da verdade. Mais ainda, a *parresia* “se opõe [...] ao rigor das provas, àquilo que força o indivíduo a reconhecer o que é a verdade e o que não é nada” (Foucault, 2012: 174). Para que se possa identificar como se dá o efetivo o exercício da *parresia*, deve-se detectar necessariamente “um tipo de junção entre o discurso e o movimento do pensamento” (Foucault, 2012: 170). O que não ocorre no caso do retórico, pois ele expressa seus juízos “independentemente da própria opinião” (Foucault, 2001b: 12).

Essa dissociação entre o que se acredita e o que se diz fica patente em outras modalidades de fala. O adulator, por exemplo (um personagem considerado “inimigo” da *parresia* desde o curso *A hermenêutica do sujeito*), e censurado por “muda[r] sua opinião, seu comportamento, seu modo de vida, de acordo com suas próprias mudanças ou com a situação na qual se encontra, ou de acordo com as pessoas que estão com ele” (Foucault, 2021: 190). Ele apenas imita a franqueza parresiástica, pois no fundo está sempre “dizendo tudo e qualquer coisa, contanto que seja bem recebido por qualquer um, isto é, por todo mundo” (Foucault, 2008: 167).

“Como reconhecer um verdadeiro parresiasta?”, ou ainda, qual “é o sinal de que [alguém] é realmente um parresiasta”? (Foucault, 2021: 190). Para definir o parresiasta, de acordo com a leitura foucaultiana, não basta que seja alguém que fale a verdade. Se fosse assim, todo aquele que ensina ocuparia naturalmente tal posição. Mesmo quem eventualmente corre riscos, marca diferencial do dizer verdadeiro parresiástico, deve apresentar outros elementos que justifiquem sua condição de parresiasta, caso contrário poderia ser associado simplesmente a alguém movido por um desvario qualquer, ou poderia não passar de um simples inconsequente.

Há um ditado popular cuja essência se mostra marcadamente antiparresiástica: “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. A condição que define a especificidade da *parresia* reside numa correlação direta entre a existência do indivíduo e suas falas. Essa questão fica nítida desde *A hermenêutica do sujeito*, quando Foucault menciona a seguinte reflexão de Sêneca: “tenho a virtude sobre os lábios ou no coração”? (Foucault, 2001a: 459). O que importa saber, nessa sentença, é se o



indivíduo defende uma verdade de boca para fora ou se se sente inseparável dela, se ela faz parte de sua existência.

Percebe-se que a prática da *parresia* não depende exclusivamente de circunscrever um “modo de falar”, mas de identificar um “modo de viver”. Os “verdadeiros sinais” de uma conduta parresiástica são, no entender de Foucault: “conformidade entre [...] o que se diz e o que se é, e conformidade com e o que se é ao longo da própria vida” (Foucault, 2021: 191). Ou, como se pode verificar noutra passagem: “a presença, naquele que fala, de sua própria forma de vida tornada manifesta, presente, sensível e atuante como modelo no discurso que ele afirma” (Foucault, 2012: 181).

Para que o indivíduo seja reconhecido como parresiasta, ele deve preencher pelo menos três requisitos. Primeiro: coerência entre atos e palavras, pois discurso e vida devem se espelhar mutuamente: “é necessário que a *parresia*, a verdade daquilo que [o parresiasta] diz, seja selada pela conduta que ele observa e pela maneira pela qual ele efetivamente vive” (Foucault, 2001a: 388). Daí Foucault reiteradamente valorizar os exemplos de Sócrates e dos adeptos do cinismo antigo, num primeiro plano; e de Sêneca, secundariamente, por ter redigido “uma verdadeira teoria da fala franca” (Foucault, 2001a: 367), no qual se pode apreender o “princípio ideal de conduta” (Foucault, 2009: 233) do parresiasta. Segundo: deve exercer uma fala destemida, provocativa, corajosa, tendo em vista que o parresiasta “dirá [...] coisas muito desagradáveis” (Foucault, 2021: 190). Quando Sócrates se compara a um inseto, cujo ferrão (metáfora para seus questionamentos incessantes) servia para incomodar as pessoas, ele pretendia ressaltar que sua filosofia estava norteada por um “princípio de agitação, de movimento, de inquietude permanente ao longo da existência” (Foucault, 2001a: 9). Enquanto o parresiasta é aquele “que fala e corre o risco de dizer” [o que pensa] e, com isso, pode chegar a suscitar contra ele a ira de seu interlocutor, o retórico, de forma diametralmente oposta, “é capaz de dizer algo totalmente diferente do que sabe, totalmente diferente do que acredita, totalmente diferente do que pensa” (Foucault, 2009: 14). As mais diversas experiências de cunho parresiástico – nas assembleias públicas, diante do governante, na relação mestre-discípulo, nas conversas pessoais – têm, acima de tudo, um teor crítico, tendo em vista que enunciam verdades inconvenientes e desagradáveis.

Terceiro: mais do que uma modalidade de discurso, a *parresia* requer que o indivíduo manifeste um estilo autêntico de agir: ela “não é somente uma maneira de falar, não é somente uma maneira de dirigir as pessoas, mas também [está] ligada a um modo de vida particular” (Foucault, 2012: 187). Trata-se, pois, de uma modalidade de fala que coloca num plano secundário a “estrutura racional do discurso” (Foucault, 2008: 53), que dispensa qualquer tipo de procedimento estrategicamente elaborado ou previamente estruturado de interação dialógica. Daí Foucault destacar o momento no qual Sócrates se apresenta no tribunal diante de seus julgadores e pronuncia as seguintes palavras: “simplesmente falo, diretamente, sem habilidade e sem o devido preparo” (Foucault, 2009: 68). Enquanto que a tônica do discurso retórico está no “assunto que se aborda” (Foucault, 2001a: 366), na *parresia* o mais importante não reside apenas no que é dito, tendo em vista que se trata de uma fala que vai além do



“puro e simples discurso”: ela não se restringe a ser “discurso, somente discurso, discurso nu” (Foucault, 2008: 209). Dito de outro modo, a *parresia* foucaultiana não se reduz a uma prática discursiva, a um “ato de fala”, em suma, não está subordinada tão somente ao domínio das palavras. Não há dúvida de que a fala do parresiasta acaba afetando (e modificando) o modo de pensar (e de agir) do outro. Porém, diferentemente do retórico, “o parresiasta age sobre a mente das outras pessoas mostrando a elas, tão diretamente quanto possível, o que ele realmente acredita” (Foucault, 2001b: 12).

Foucault se propõe a realizar uma análise da “dramática do discurso”. Não se deve entender com isso o interesse no que pode haver de comovedor numa fala, ou que suscita comportamentos de ordem emocional. Seu intuito reside em retratar o efeito que se produzirá naquele que se compromete a dizer a verdade: “na *parresia*, o enunciado e o ato de enunciação afetarão, ao mesmo tempo, de uma maneira ou de outra, o modo de ser do sujeito” (Foucault, 2008: 65). Isso não importa numa “pragmática do discurso”, cujo objetivo consiste em realizar a “análise daquilo que, na situação real de quem fala, afeta e modifica o sentido e o valor do enunciado” (Foucault, 2008: 65). Essas duas formas de análise discursiva não são excludentes entre si. No entanto, enquanto a ênfase de uma recai num processo subjetivo, que leva o sujeito a se modificar, a de outra se detém no modo como as palavras se estruturam e se organizam.

Apesar da obrigação de sempre proferirem uma fala verdadeira, Foucault não considera pertinente, num primeiro momento, supor que filosofia e *parresia* são equivalentes. De acordo com Foucault, “não pode haver filósofo que não seja parresiasta”; porém, “o fato de ser parresiasta não coincide exatamente com o modo de vida filosófico” (Foucault, 2012: 168). Essa assimetria será totalmente repensada nos cursos do Colégio de França de 1983 (*O governo de si e dos outros*) e de 1984 (*A coragem da verdade*), tendo em vista que uma “vida filosófica” e a prática da *parresia* passam a ser consideradas duas atividades que se pressupõem mutuamente. O que importa destacar aqui, contudo, é que Foucault, ao deixar de lado a dimensão “pragmática” do discurso e se interessar exclusivamente por seu aspecto “dramático”, chama a atenção para o processo de transformação pelo qual o indivíduo que fala a verdade envereda, tanto no âmbito da filosofia quanto na experiência parresiástica.

4. O “argumento” parresiástico

Em diversas passagens de suas aulas-conferências, Foucault retoma a crítica platônica à sofística. Não se trata, contudo, de compartilhar da censura de Platão aos sofistas, notadamente por darem ao discurso falso a impressão de que ele é verdadeiro; o que, em termos de convívio social, é uma desonestidade intelectual, e mesmo, como justificadamente se acredita na atualidade, demonstração de “má fé” (Foucault, 2011: 58). No entanto, como se pode constatar no primeiro curso do Colégio de França – *Aulas sobre a vontade de saber* (1970-1971) –, Foucault saúda o pensamento sofístico por ter instaurado “uma ontologia bizarra, parcial, limitante, descontínua e claudicante” (Foucault, 2011: 61),



o que contribui para arruinar a crença de que existem verdades absolutas. Essa perspectiva, contudo, não se aplica às investigações foucaultianas dos anos 80. O interesse na fala parresiástica afasta Foucault do universo discursivo, no qual prevalece uma dialética em termos de perguntas e respostas. Como reconhecer uma fala autenticamente parresiástica? Qual seria o seu diferencial em relação a outros discursos que também gravitam em torno da verdade? Em termos foucaultianos, não há uma definição conclusiva sobre o que ver a ser a *parresia*. Em função disso, e “visando não incorrerem em anacronismos, salientamos que o parresiasta é uma personagem eminentemente greco-romana” (Pinho, 2018: 114). Foucault ressalta que a prática da *parresia* desapareceu nos primeiros séculos de nossa era. Seus derradeiros sinais ocorreram no cristianismo primitivo (com os mártires que se recusavam a renunciar à sua fé e eram executados por isso). Se bem que o próprio Foucault admita que ela pode ser detectada, isoladamente, em Montaigne e Espinosa, por exemplo, “pois ambos ultrapassam as exigências comuns à ‘estrutura formal e sistemática’ dos discursos ao proporem uma ‘vida filosófica’” (Pinho, 2018: 114).

Como vimos acima, é muito comum que alguns intérpretes assinalarem pontos de encontro entre a retórica e a *parresia*, apesar de as dissonâncias serem evidentes. Certamente, não se pode ignorar que ambas almejam efetivamente produzir algum tipo de efeito persuasivo sobre o interlocutor, que pretendem alterar o universo de crenças do outro. A rigor, o único argumento do parresiasta é a sua própria vida, ou melhor, o que ele tem feito e dito ao longo de toda a sua existência. Por que ele precisaria escolher com cuidado as suas palavras no intuito de atingir o efeito desejável? Em diversas passagens, Foucault associa a *parresia* a uma técnica, devido à sua capacidade de saber escolher o momento certo – o *kairos* – para falar algo ou simplesmente permanecer em silêncio. Mas essa hipótese vai sendo abandonada à medida que a dimensão ética da *parresia* adquire um papel de maior destaque. Outro fator que contribui para estabelecer uma proximidade, por mais tênue que seja, entre o discurso retórico e a fala parresiástica reside na menção que Foucault faz a Quintiliano, mais exatamente ao seu *Institution oratoire* (Livro IX, Capítulo II), numa passagem na qual a *parresia* é tida como uma figura retórica. Em três momentos distintos – *A parresia*, *O governo de si e dos outros* e *A fala destemida* –, Foucault retoma essa classificação. Porém, adota uma terminologia paradoxal ao utilizar expressões como “não-figura” e “grau zero” da retórica (Foucault, 2012: 166 e 2008: 53 e 58). Explica suas imagens afirmando que, enquanto “algumas figuras retóricas são especificamente adaptadas para intensificar as emoções do público”, e que por isso as considera como uma modalidade de *exclamatio*, a *parresia*, por sua vez, deve ser considerada como “um tipo de exclamação natural”, mais ainda: “completamente natural” (Foucault, 2001b: 21). Foucault pretende, deste modo, ressaltar que a *parresia* é “a mais despojada de todas as figuras [de pensamento]” (Foucault, 2008: 53). Daí considerá-la uma “espécie de retórica específica ou de retórica não retórica” (Foucault, 2001a: 350).

A explicação para esse jogo de palavras, que dá margem a especulações desconcertantes, se encontra numa passagem extraída de Sêneca, na qual ele adverte que o parresiasta não deve obrigatoriamente



descarta o “uso tático da retórica”, tendo em vista que “os ornamentos do discurso podem, perfeitamente, ser úteis” e, além do mais, “não há razão para desprezar os prazeres e conveniências de ouvir uma bela linguagem”: “a eloquência [...] pode permitir que as coisas sejam mostradas”, desde que não haja [...] nenhuma obediência fundamental, abrangente e total às regras da retórica” (Foucault, 2001a: 385-386). A situação inversa, contudo, não se aplica à retórica. Como ressalta Lévy, caso um retórico decidisse falar com *parresia* seria “uma espécie de suicídio intelectual ou o clímax do paradoxo” (Lévi, 2009: 324).

O uso das fórmulas retóricas pelo parresiasta constituiria uma flagrante limitação, pois não é no campo das palavras que reside a veracidade de sua fala. O tripé parresiástico – harmonia entre atos e palavras, estilo deliberadamente provocativo e irredutibilidade em relação ao campo discursivo – já delineia um cenário no qual a força do que será dito repousa numa forma singular de se relacionar consigo mesmo e com os outros. A *parresia* foucaultiana em muito se aproxima do preceito socrático de que uma vida sem a devida reflexão não é digna de ser vivida, e que a verdade deve ser dita independentemente dos perigos que dela possam resultar. Como já foi ressaltado acima, para se caracterizar o modo de ser do parresiasta, faz-se necessário conjugar, pelo menos, três aspectos indissociáveis: a “união entre pensamento, palavra e conduta, pois diz o que pensa e faz o que diz”, a “coragem tantas vezes testada” e o “uso de uma linguagem comum, aquela que todos utilizam, sem adornos fúteis” (Yágüez, 2017: 61). Em suma, a fala parresiástica é simples, direta, ousada e coerente.

Conclusão

A posição de Foucault não dá margem a qualquer dúvida: a *parresia* é incompatível com os “procedimentos artificiais da retórica” (Foucault, 2012: 181). Além disso, pouco importa se, eventualmente, ela se deixar levar por procedimentos demonstrativos, silogísticos ou dialéticos num debate público ou numa conversa reservada. E isso por dois motivos bem precisos. Em primeiro lugar, ela até pode recorrer a procedimentos retóricos, mas não tem compromisso algum com eles, podendo expressar-se livremente, sem estilo algum. Além disso, o que deve ser motivo de atenção não é “como ele fala”, mas sim “de que modo ele vive”.

Num embate imaginário com o retórico, o parresiasta (que, na perspectiva foucaultiana, desapareceu há uns dezessete séculos) faria indagações do tipo: Até que ponto você acredita no que está dizendo? Qual é a sua opinião pessoal a respeito do que acabou de defender? Mais ainda: Aquilo que você acredita ser verdadeiro pode ser relacionado com suas atitudes cotidianas? Seus atos traduzem fielmente as crenças que você alardeia? O que você tem feito ao longo de sua vida está, de fato, presente nas suas falas?

O que se buscou mostra no presente estudo é que, para se entender a especificidade da fala parresiástica, é necessário nos situarmos para além do domínio das palavras. Deste modo, a *parresia* não corresponde exatamente a um tipo de discurso, ela diz respeito, fundamentalmente, a um estilo de



vida, ou seja, um discurso só adquire uma função parresiástica quando está inserido em *modos de existência*. É nesse sentido que a “coragem de dizer-a-verdade também [deve estar presente] quando se trata de dar à vida forma e estilo” (Foucault, 2009: 149).

A distinção foucaultiana entre o discurso parresiástico e o retórico não se esgota no triunfo da verdade sobre a mentira ou na maior ou a menor intenção de convencer o interlocutor, mas na superposição entre aquilo que se pensa, se diz e se faz. A *parresia* exige mais do que palavras verdadeiras, até porque ela vai além do elemento discursivo; ela requer, acima de tudo, que as palavras ditas ao longo da vida reflitam, de modo cabal, uma forma única de ser e estar no mundo.

Referências bibliográficas

- Domínguez, I. Q. (2020). La disputa por la verdad en el último Foucault. El decir veraz de la parrhesía en el límite entre filosofía y retórica. *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*, 37(1): 113-121.
- Foucault, M. (2021). *Speaking the Truth about Oneself*. Lectures at Victoria University, Toronto, 1982. English edition established by Daniel Louis Wyche. Chicago: The University of Chicago Press.
- Foucault, M. (2012). La parrêsia. *Anabases: Traditions et Réceptions de l'Antiquité*, 16: 157-188.
- Foucault, M. (2011). *Leçons sur la volonté de savoir*. Cours au Collège de France. 1970-1971. Suivi de *Le savoir d'Édipe*. Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Daniel Defert. Paris: EHESS/Seuil/Gallimard.
- Foucault, M. (2009). *Le courage de la vérité*. Le gouvernement de soi et des autres, II. Cours au Collège de France (1983-1984). Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros. Paris: EHESS/Seuil/Gallimard.
- Foucault, M. (2008). *Le gouvernement de soi et des autres*. Cours au Collège de France (1982-1983). Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros. Paris: Seuil-Gallimard.
- Foucault, M. (2001a). *L'herméneutique du sujet*. Cours au Collège de France (1981-1982). Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros. Paris: Gallimard-Seuil.
- Foucault, M. (2001b). *Fearless Speech*. Edited by Joseph Pearson. Los Angeles: Semiotext(e).
- Lévy, C. (2009). From Politics to Philosophy and Theology: Some Remarks about Foucault's Interpretation of Parrêsia in Two Recently Published Seminars. *Philosophy and Rhetoric*, 42(4): 313-325.
- Mateus, S. (2016). Uma retórica parrhêsica? – Enquadramento de duas práticas retóricas contemporâneas. *Rétor*, 6(2): 198-215.
- Mazzola, R. (2022). Parresía e retórica: notas sobre uma polémica. *Policromias: Revista do Discurso, Imagem e Som*, Rio de Janeiro, 7(1): 150-177.
- Pinho, L. C. (2018). A parresia ética. In Butturi Jr, A.; Severo, C. G. (Orgs.). *Foucault e as linguagens* (pp. 105-125). Campinas, SP: Pontes.
- Reboul, O. (2001). *Introduction à la rhétorique*. Théorie et pratique (4^o éd.). Paris: PUF.
- Serra, M. (2015). Verità della retorica o retorica della verità? Volontà di sapere e parrêsia in Foucault. *Rivista Italiana di Filosofia del Linguaggio*, Special Issue: 248-261.
- Spina, L. (2005). Parrhesia e retorica un rapporto difficile. *Paideia*, 60: 317-346.



Nº9 (2023)

15

Townsend, J. (2017). Political Rhetoric: The Modern Parrhesia. *The Catalyst*, 4(1); 37-40.

Walzer, A. E. (2013). *Parrēsia*, Foucault, and the Classical Rhetorical Tradition. *Rhetoric Society Quarterly*, 43(1): 1-21.

Yágüez, J. Á. (2017). Introducción. In: *La parrēsía. Michel Foucault* (pp. 25-92). Edición y traducción de Jorge Yágüez; revisión de la traducción de Isabel Mosteyrín. Madrid: Biblioteca Nueva.